

## MARIA ANTÓNIA SÓ

À morte súbita de Manuel, Maria Antónia ficou sozinha em Paris, no apartamento mobilado que os serviços da UNESCO lhes tinham procurado por rotina aplicada a funcionários em chegada, e onde tinham vivido, ainda provisoriamente, menos de três meses. De seu, só livros e roupas ou pouco mais, e os livros quase todos, os profissionais, pelo menos, eram, ou tinham sido, do Manuel. Maria Antónia sentia-se desmoralizada, sem título possível para ocupar ainda por mais quinze dias aquele espaço vazio, por gentileza do senhorio, aliás legalmente pago. Os divórcios de ambos corriam lentamente em Portugal e felizmente que o advogado, amigo de Manuel, lhes era comum e fazia dedicadamente o possível agora meio inútil mas ainda indispensável para resolver a ela o problema, ou os problemas que lhe eram postos pelas circunstâncias. Havia que devolver as coisas do Manuel para Portugal, para casa da mulher dele, numa quinta, ou, então, para casa de quem, parentes possíveis que não conhecia? Um irmão, disse-lhe o advogado, pelo telefone, que indagara à última hora, e sem tempo já para que ele viesse a Paris ao funeral, ou à cremação que fora decidida um tanto à força, na pressa do consulado de se livrar de responsabilidades, com autorização legal obtida a custo da mulher, assinatura despachada pelo advogado. Casa em Lisboa, Maria Antónia não tinha também, saída naturalmente do domicílio conjugal, que deixara de ser seu, com as filhas entregues ao marido, sem questões nem queixas, por acordo sem precipitação, que se gerara há tempos já. E, regressando, seria para casa de Ana, a amiga que lhe daria abrigo, até algo se resolver na solidão em que ficara, e que muito dependeria também da sua reintegração no ministério

em que pedira licença sem vencimento. Fora só quatro meses atrás, ninguém, por sorte, ainda fora nomeado, e amigos velavam já para que as coisas se resolvessem em breve, por simpatia para com o absurdo da sua situação.

Maria Antónia não conhecia ninguém em Paris e todas as diligências lhe eram difíceis, na posição ingrata em que se encontrava, sem relação oficial com o falecido, aos olhos das autoridades, sobretudo portuguesas e consulares. A morte do Manuel, numa crise cardíaca inesperada, sem avisos ou receios anteriores, deixara-a numa situação irreal, excluída da vida que escolhera e da que tinha tido: o tempo não podia voltar para trás e todo o futuro desaparecera de súbito. O presente era só a desapareição do Manuel. O Manuel, tão indeciso, tão amargurado à chegada, tão assustado também... Fora longo o trajecto de comboio, no Sud-Express, como tinham concordado, por causa das malas da mudança, depois da viagem que ele fizera sozinho, para assinar o contrato, mas voltando a Lisboa para a acompanhar, ou para se dar mais tempo de habituação. Pobre Manuel...

O posto que viera ocupar na UNESCO, por candidatura internacional apoiada pelos seus amigos do governo, que Maria Antónia não conhecia, apareceu-lhe de súbito. Ou, na verdade, alguém lhe falara na possibilidade, usando uma notícia que circulava no Ministério dos Negócios Estrangeiros, mas, como já muitas outras, pouco atendida ou ignorada, raras que pareciam ser as pessoas interessadas por tais oportunidades em Paris, sempre com exigências curriculares que amedrontavam. O Manuel apresentou o seu diploma de arquitecto especializado com mestrado em Lovaina, e a sua experiência de dez anos no Instituto Português do Património, no Centro do País, e ultimamente em Lisboa, que o habilitavam a um posto modesto no Centro da UNESCO que tratava a nível mundial do património classificado. Era emprego internacional que estava aberto, por proporção, a portugueses segundo o regulamento, e sem qualquer dependência nacional, num gabinete do terceiro andar do grande edifício ondulado da Place de Fontenoy, que olhara com respeito nos primeiros passos que dentro dele dera...

Pobre Manuel, que nunca tivera muita sorte na vida profissional... Na vida, em suma, modesto e hesitante nos passos a dar, fechado em sonhos vagos, em ideais que não ousava comunicar. A decisão que então tomara felizmente que lhe fora exigida por urgência, porque a vaga aberta tinha que ter cobertura rápida.

A UNESCO! Portugal, que comemorara o 40.º aniversário do 28 de Maio com a saída da instituição, voltara lá desde o 25 de Abril, com seus direitos, mas Manuel estava bem longe de fazer aproximações políticas... Quando veio falar-lhe no que era ainda só uma hipótese, Manuel exultava e também porque assim, e de fora para dentro, resolvia o seu próprio caso, caso de ambos, com os seus divórcios correndo já. Maria Antónia estava vivendo em casa de uma amiga, a mesma que agora lhe ia abrir de novo as portas. Antes e depois... E Manuel, já antes de Lisboa, habitara sozinho em Coimbra, com a mulher vivendo com o pai, na sua quinta de família, perto de Alvaiázere, numa separação há muito já definitiva e que o afectara. Maria Antónia não a conhecia, nada sabia dela, e quando telefonou de Paris a Ana, foi o inconcebível que lhe contou.

Manuel, ao voltar depois da primeira entrevista com o director do Centro, estava encantado e antevia um trabalho interessante, numa equipa cordial, em ambiente bem diferente daquele a cujas incertezas nunca se habituara. Fosse primeira impressão, era boa e isso parecia bastar-lhe, no alívio que lhe dera. Ele próprio pedira licença sem vencimento, por prudência habitual em tais casos, mas fora ela quem insistira para assim fazer. Manuel rira-se, com o seu encantamento ingénuo: era para nunca mais, e havia de fazer isto e aquilo. E, mal chegara, logo mergulhara em *dossiers* e papelada, com uma coragem de neófito. O apartamento já os esperava, graças à eficiência dos serviços em que ia entrar geralmente, e a ele chegava estafado, para jantar, sem vontade de sair. Maria Antónia compreendia-o e procurava ajudá-lo a adaptar-se como para ela era mais fácil, por optimista serenidade, ou maior e mais íntima experiência da vida. Em certa medida, Maria Antónia sabia que devia proteger Manuel, mas achou bem começar também a fazer planos para ela própria, como nunca ainda pensara. Porque não inscrever uma tese de doutoramento em História, na Sorbonne, em Paris III ou IV, como se informou, nos Estudos Portugueses? O tema dos Templários, nas terras nabantinas, voltou-lhe ao espírito, depois de muitos anos. Era já antiga a sua licenciatura, mas porque não tentar, ainda antes dos quarenta anos que chegariam em breve? Disse-o rindo para Manuel que logo aprovou, rejuvenescido também para as suas novas vidas. A ideia viera-lhe sem esforço, despegada de sentimentos que pudessem envolvê-la em qualquer época passada.

Tudo se passara muito depressa, desde o princípio, e a viagem e a instalação em Paris faziam parte desse tempo irreal, três meses então, menos de seis meses antes, desde que encontrara Manuel e deixara Álvaro, ou dele se apartara por combinação pacífica ou quase, só ensombrada pela presença dos filhos pequenos que continuava a visitar na casa onde vivera perto de dez anos o matrimónio desfeito.

Álvaro não lhe vinha mais à lembrança e os filhos também não, neste momento de tristeza que era só pessoal. Manuel era esta ausência súbita e dolorosa e inimaginável. Manuel morto nas urgências do Samu chamado em aflição, com auxílio da porteira que era a única pessoa que conhecia no prédio de repente hostil. Ela é que soubera telefonar, chamar, às duas da manhã, bater-se depois com o médico de bata branca chegado sem demora mas assustado também e dando ordens inaudíveis para a ambulância vir, por última esperança em que Maria Antónia via bem que ele não acreditava. Era jovem e não se sentia à vontade naquele apartamento onde ninguém parecia habitar, ou só o corpo deitado na cama, de pijama, e a mulher chorosa, de lágrimas silenciosas, embrulhada num roupão de banho e que nem sequer se calçara. Só a velha porteira tomava disposições como se já tivesse visto morrer cem pessoas no prédio. Fazia frio fora e Maria Antónia pusera o aquecimento muito alto, os vidros estavam embaciados e o ar ia-se tornando irrespirável. «La fenêtre», dissera o médico, mas ela não percebeu e foi a porteira quem acudiu a abri-la para um vendaval que de repente teve uma presença absurda também. Maria Antónia encolheu-se no roupão sem entender o que se passava e mal viu a maca chegar e embrulharem Manuel num cobertor, com uma prensa profissional. O médico não lhe dissera nada, tentando massagens e choques violentos no peito de Manuel antes de o despachar para a ambulância, já com cânulas metidas no nariz e um aparelho estranho ao alto, que um enfermeiro segurava, sobre a maca. «Madame...», dissera a porteira, e ela não respondera, enquanto a velha ia fechar a janela inútil. A única coisa que fez, então, foi acender as luzes todas, do quarto e da sala pegada. «Je peux aller», devia dizer «venir», na pergunta embargada que fez ao médico, e não ouviu a resposta. «Vous devez vous habiller, Madame, chaudement», e ela obedeceu subitamente à porteira, enfiando umas calças de veludo e um grosso *pull-over* que tinha comprado na véspera. «L'imperméable,

Madame», e a velha estendia-lho e ajudava-a a enfiá-lo, já a gente do Samu tinha partido. «Où?», perguntara ela, mas passivamente, e foi a porteira quem correu a informar-se, já pela escada abaixo, ao mesmo tempo que gritava ao marido, que aparecera à porta envidraçada dos seus aposentos, ensonado e sem jeito, que chamasse um táxi pelo telefone. «Je vous accompagne», dissera ainda ela e meteu-se com Maria Antónia no automóvel que não demorou a aparecer, enfiando ainda à pressa um velho casaco, e atando um lenço à cabeça. «Venez, venez, Madame», e deu o nome do hospital. Foi rápida a corrida e à entrada das urgências reconheceram a ambulância já vazia. «C'est celle-là...»

Tudo factos, palavras, gestos mínimos, uma hora, duas horas de corrida. Só voltara para casa na manhã seguinte e, à entrada, a porteira veio abrir-lhe a porta, com um abraço de compaixão, o marido por detrás, de boné e chinelos. Havia também uma mulher de avental, mais nova, porteira ao lado, portuguesa, que fora chamada, para ajudar. Maria Antónia pode falar português, responder a muitas perguntas. Não sei como fazer... À sua volta trocavam-se informações, palpites. «Il faut parler au consulat.» Mas ela levava os papéis do Manuel consigo para o hospital e fizera lá as declarações que lhe pediram. É sempre melhor, insistia a vizinha. «Il faut communiquer à l'UNESCO», dizia a outra; «son mari travaillait là», e apontava para o grande edifício que se via, em parte, ao longo da avenida. Ah, era diplomata... Maria Antónia fez que não, mas como explicar-lhes? E dizer que Manuel não era seu marido?

A primeira coisa que Maria Antónia fez foi telefonar ao advogado amigo do Manuel, em Lisboa, mas não estava, deixou recado de urgência. Não queria falar para o consulado sem o ouvir primeiro. Depois ia ser a confusão das diligências burocráticas, o destino do corpo sem família que o reclamasse, a cremação forçada, o consulado hesitante nos conselhos a dar a quem não tinha direito legal de aliança e não dispunha de conhecimentos de embaixada. O irmão do Manuel, que ela não conhecia, afinal não chegou a vir a Paris, assinando a procuração que a esposa recusara a princípio, e acabou por duplicar a autorização de que Maria Antónia nada entendia, confiada no advogado que acabou por aconselhá-la a não dar mais satisfações ao consulado quanto aos caixotes dos livros que ela declarara, e acabou por expedir por uma agência. E havia também o divórcio já inútil para ela, e para o morto.

Tudo acontecera rapidamente, sim, e então começou um tempo estranhamente lento, em que Maria Antónia não sabia mover-se. A visitá-la, depois de um funcionário apressado do consulado que ficou em voltar, só uma secretária do Centro da UNESCO, a trazer-lhe papéis, e falando-lhe, com simpatia, de «votre mari, Monsieur de Sequeira». Ela não podia dizer que não, e só à porteira, que vinha vê-la por solidariedade, e com a vizinha portuguesa, dissera que não era casada nem viúva, afinal, o que pareceu escandalizar a outra que, muito metida com um padre da colónia, via castigo divino no acontecido. «Pauvre Madame», dissera-lhe, porém, a velha do seu prédio que mandou o marido tratar-lhe dos caixotes. Eram húngaros, soube Maria Antónia, pouco capaz de deslindar sotaques, e habituados a baterem-se pela vida. No dia seguinte ao do falecimento, vendo que ela nada comera, a porteira veio trazer-lhe um *goulash* caseiro e insistiu em ir comprar-lhe o pão, como se Maria Antónia não conhecesse mais os sítios do bairro.

A indemnização que recebeu da UNESCO, tinha na verdade direito a ela? Receba, disse-lhe o advogado, e assine, que depois se veria, na medida em que não lhe pediam certidões que não podia solicitar ao consulado. Depois se veria, e depois teria partido para Lisboa, para não mais voltar. Dentro de quinze dias, e tinha já o bilhete de regresso, por avião, que a UNESCO lhe entregara. Ela dera o nome do passaporte, sem problema.

Quinze dias, dez dias, Maria Antónia mal os contava e não sabia porque é que havia de esperar. Uma noite veio-lhe a ânsia de partir e telefonou à secretária do Centro que a visitara a perguntar se podia adiantar a data do bilhete. «Bien sûr, Madame. Devait-elle s'occuper du changement?» Não, ia ver, pediu desculpa, logo arrependida do impulso. A data do bilhete impunha-lhe, por assim dizer, uma disciplina no tempo incerto que vivia: ia esperar por ela. Ana telefonava-lhe todos os dias, depois do jantar, que eram mais baratas as chamadas, e achou-se a justificar o atraso do regresso com *démarches* e afazeres que inventava vagamente — e que lhe deixavam todo o tempo livre dos dias, e das noites também, mas desse não se importava e ficava em casa a ver filme após filme na televisão que tinha assinatura na parabólica, do prédio, e até tarde, muitas vezes com o som cortado para só ver as imagens moverem-se. Punha-se então a reinventar as histórias do ecrã, dando-lhes um sentido que sabia que elas não tinham e os diálogos esvaídos não podiam impor-

-lhe. Por vezes respondia a Ana através de uma cortina de cenas e gestos, de cores variadas, ou de preto e branco quando eram mudos os filmes da sua origem, evitando então ler as legendas intercalares.

De dia, não: levantava-se tarde e saía antes do almoço, atravessando rapidamente as grandes ruas desertas do bairro para a boca do metro que a levava para vários sítios onde tinha estado com o Manuel ou, e eram muitos mais esses, onde nunca tinha ido. Escolhia ao acaso das correspondências das linhas mas deu por preferências que não podia prever, para além dos Champs Élysées, pelos *boulevards* da Opéra, pouco por Saint-Michel onde foi até à porta da Sorbonne de que tinha evidentemente desistido. Ia subir pelo Panthéon à Rue Mouffetard, mas Saint-Germain-des-Prés, de que o Manuel gostava, como que lhe impôs uma troca. Ao teatro tinha ido com ele, e não voltara a ir, ao cinema só por acaso, não lendo os jornais. Foi uma vez ao Louvre mas fugiu da multidão que o enchia, e não procurou outros museus, pouco informada do que neles se passava, mesmo o Pompidou que nunca chegara a visitar com o Manuel. Duas ou três vezes foi a uma livraria, sempre a mesma, por timidez, possivelmente, e voltou com meia dúzia de livros comprados, sempre novidades de história ou clássicos da disciplina, que nunca lera, mas depois arrependia-se, pensando no peso das malas que no entanto reduzira. Os cais, sim, era uma ideia ainda romântica de Paris onde estivera — quando? — há quase vinte anos pela primeira e única vez até então, e na sua outra vida, ou numa vida antes de outra que também agora se acabava. Mas não comprava nada, passando pelos caixotes dos alfarrabistas meio fechados no tempo frio. Almoçava num café, esse, sim, escolhido ao acaso, com frequências variadas de gente apressada, empregada na vizinhança de lojas e escritórios, e era um *steak-frites*, mas bebia sempre um bom vinho debitado ao copo, e ficava a fumar, depois, retardando o momento de se levantar da mesa, na sala que se esvaziara.

Uma vez ou outra olhavam-na de uma mesa próxima, ou mais longe, homens que procuravam chamar-lhe a atenção, mas ela nem dava por isso. Maria Antónia vestia sempre o mesmo impermeável alvadio, de boa marca, e ainda novo, e as mesmas calças negras, os mesmos sapatos rasos, e tudo isso ia bem ao seu corpo grande e ágil, um tanto severo, e só o lenço da cabeça, que deixava cair para o pescoço, mudava, numa nota vistosa, escolhida, na colecção que tinha, por gosto de quase inconsciente coqueteria. Eles acertavam sempre

com a cor arruivada dos cabelos, que tratava bem, por hábito de sempre, e por duas vezes fora, depois da morte do Manuel, ao *coiffeur* de luxo do bairro, que procurara logo à chegada. Manuel rira-se dela. Primeira coisa a fazer — «la première chose à faire...».

O dinheiro que recebera da UNESCO, devido ou não que lhe fora, bastava-lhe para as despesas desses dias, sem gastos especiais, e havia de lhe sobrar sem que ela desse por isso. O jantar, comia-o no quarto ou na sala, diante da televisão, uma *pizza*, uma empada, uma tosta de fiambre. Um dia ofereceu um casaco bonito, de lã verde, à filha da porteira, treze anos espigados, que a mãe mandava às vezes fazer-lhe companhia, depois do jantar, e adorava ver filmes antigos na televisão.

O dia do regresso aproximava-se já. Daí a três dias, amanhã de manhã. Maria Antónia dera uma boa gratificação de despedida à porteira que a abraçara, como uma camponesa que era ou tinha sido no seu país natal, o marido ia conduzi-la a Roissy. Chamava-se Nagy, Monsieur et Madame Nagy, mas em húngaro pronunciava-se de maneira muito diferente; ele era Andras mas a pequena era Berta. Faziam parte do mundo que lhe ficava para trás e durara quatro meses apenas. Um mundo baço, em tempo surdo e mudo, de gente que ela não chegara o conhecer e deslizava pelas ruas em que de propósito se perdia.

Mas que ainda não desaparecera — e não era por isso que Maria Antónia se deixara ficar no apartamento alheio? Na falta de sentido de tudo quanto a envolvia, ela não queria achar o que pudesse convir-lhe e apenas sentia que o atrasava.

O Manuel fizera, o Manuel dissera... Maria Antónia recuava no tempo havido, ainda em Lisboa, e fora breve, com ele, na decisão inesperada de se amarem; e recordava o momento decisivo da partida que fora também da concretização do viverem juntos para o futuro. Em Paris, como já fora questão do Brasil, por ideia ocasional, antes da oportunidade oferecida com urgências de resposta. Resposta ao emprego, resposta de um ao outro, para a mudança das suas vidas. O que até então fora equilíbrio instável do destino que vira formar-se um tanto por acaso de encontro em casa de amigos, a Ana, precisamente, ganhava uma qualidade que Maria Antónia entendia sem entender. E o Manuel, que fizera ele, que dissera ele? Que entendera ele, o homem que, bem o sabia ela, não haveria de guiar-lhe os passos?...

Maria Antónia abanava a cabeça, muito antes do regresso, e fazia-o diante dos cafés que tomava aqui e acolá, ou em sonhos, nas noites mal dormidas com o ecrã aceso da televisão, filme após filme correndo em vão. A cidade, como a casa, parecia-lhe então de uma grande inutilidade, sem pensar que, depois delas, outras a esperavam, não mais conhecidas, afinal. Para quê voltar então?...

A questão inscreveu-se no seu espírito com uma nitidez que a assustou, ou como uma revelação subitamente iluminada das suas contradições. Para quê voltar? Ainda pegou no telefone para falar a Ana, mas deixou cair a mão, numa moleza de gesto. É claro que não podia ficar em Paris! Nesse instante levantou-se da cadeira do café como se uma mola a movesse. E o Manuel, se não tivesse morrido? Maria Antónia riu-se da própria confusão que criara. Ia regressar, sim, e sem o Manuel. Regressar ao seu gabinete no 5.º andar da Avenida 5 de Outubro, e previa já os comentários dos colegas do ministério, mesmo amistosos, no pequeno escândalo em que entrara, e que tivera trágico fim. Assim havia de voltar, como se não tivesse partido — e era isso que lhe parecia: que não partira de Lisboa com o Manuel, que nunca tinha encontrado e amado o Manuel, deixado a sua casa, que estava ainda acolhida em casa de Ana, ou antes disso, e como se nada se tivesse passado, na sua vida, ou na vida que deixara de ser sua...

Fosse como fosse, ou como tivesse sido, neste tempo breve que corra como um parêntese de semanas ou de dias, o caso, seu ou não, não lhe interessava mais. Ou tudo isto tinha tido e continuava a ter apenas um fim oculto, realizara-se somente para que ela se desse conta de. De quê? Em vão tudo, a viagem, o acordo decidido, o amor havido, o Manuel, em suma...

Maria Antónia estava estendida em cima da cama, na última noite que passava em Paris, Berta partira já, só a televisão continuava ligada, sem som, no silêncio do quarto às escuras. Os reposteiros de veludo castanho das janelas estavam corridos sobre a rua que não voltaria a ver. Tomara um banho quente e envolvera-se no roupão turco, azul, que ela própria comprara nos *magazins* e decidira deixar ficar a Madame Nagy para não encher mais as duas malas que lhe restavam.

Não acendera sequer um cigarro, fumava de mais mas não se lembrara de o fazer. Olharia o tecto, se tivesse olhos para ver, mesmo que abertos como estavam. Estendeu lentamente, a medo, a mão

esquerda sobre o edredão de cetim amarelo, tacteando no escuro. O Manuel não estava lá, mas deixou ficar a mão, inerte, mexendo a custo os dedos.

O Manuel era uma ausência — mas tudo o que se passara desde a sua morte, as voltas que dera, as pessoas, as coisas, as diligências absurdas que miudamente recordava, e parecia contar a si própria, tudo isso era como se de propósito acontecesse com um único fim, de trazer a esse leito, de repente alheio, a aguda lembrança de outra ausência. Tudo isso, que assim parecia ter-se arrastado como um mau capítulo de romance, repetido e incerto, como que sonhado irrealmente nas suas minúcias exactas e pueris, tudo isso servia apenas para introduzir Ricardo na sua história. Ou, por ela, na história que devia ser dele.